

(recortar e colar)

Na pergunta havia novo componente de intriga. No conjunto de sentimentos onde se inseria a mágoa de não ocupar a posição de Obayemí, o prefeito de Ughoton estava a dizer que o pai de seu desafeto havia praticado um ato vil, contra as tradições do povo, dando suporte à mãe e aos gêmeos. E foi mais fundo em sua mágoa:

– Seria verdade que ele fora amante da esposa do obá, mãe dos gêmeos?

O general não aceitou o jogo, apenas balbuciando:

– A mãe deles conseguiu muito, Abiolá.

– Sim, bastante; mas eles são expatriados, degredados. – Contrapôs, com doçura, o prefeito. – E arrematou, ainda no mesmo tom de voz: – Nunca estiveram em Benin.

E, enfeixando aquele diálogo, aparentemente despropositado, iniciado pelo prefeito de Ughoton, e que para o general se constituiu numa resposta não ao que disse, mas ao que deixou de dizer, o prefeito Abiolá arrematou, ainda com o mesmo tom de voz, dando a entender na derradeira emissão de som, que estava fechando, sim, ambos os assuntos:

– Famílias reais têm seus segredos. E cabe a nós, irmão Ologboshere, mantê-los.

O segredo a que o prefeito se referia era relativo aos gêmeos com nomes portugueses. O uso de nomes e palavras da língua portuguesa não era rara em Benin entre os do povo, posto que conviviam, há mais de três séculos, com navegantes lusos. Muitos beninenses haviam, mesmo, aderido ao catolicismo. Proibido era o uso de nomes estrangeiros entre os membros da família real e os das hierarquias mais elevadas dos administradores de reino.

A segunda mulher de Osenwende — pai de Adolô e avô de Ovonramwen — portanto, não a rainha, concebeu gêmeos, dois meninos. Eram meio-irmãos de Adolô e tios de Ovonramwen. O fato não foi considerado como auspicioso pelas sacerdotisas e anciões mais próximos ao obá. Tabus normais na vida religiosa indicavam que o reino haveria de sofrer serias represálias das divindades se os meninos não fossem executados, em forma de sacrifício.

A segunda mulher do obá, como também não se constituía grande exceção na história do país, tinha forte ascensão sobre o monarca; assim que não lhe foi difícil sacrificar outros gêmeos, buscados nos quatro cantos do reino, imolando-os no saciar de deuses sangüinários, preservando os rebentos de uma mãe poderosa — irrelevante a dor e mágoa de uma mãe qualquer. Ela recebeu discreto, porém, poderoso apoio do chefe de Benin, o uzama Ougugu, pai de Obayemí. Resolvida a questão, a egoísta e inteligente mulher fez com que seus dois filhos recebessem nomes portugueses, o que se constituía num disfarce plausível tanto em Benin quanto em algumas partes do iorubo. Tinham entretanto de partir, não havia espaço para eles no reino e juntos tampouco em quase toda a região em torno ao Reino de Benin e adiante. Mandou-os, com guardas do chefe de Benin e amas de leite. Tudo sem o conhecimento do obá. Destino: o porto livre de Calabar, onde chegaram separados e foram alimentados e criados por duas amas de leite, que recebiam recursos para mantê-los confortavelmente. O nome português soterrou qualquer indagação sobre um incidente que, à medida que eles cresciam, mais distante ficava, perfeitamente camuflado nos escaninhos da corte de Benin.

Pg. 177

Como as máscaras de Kotoú, seu compatriota, contemporâneo, mas com quem jamais se encontrou, aquele instantâneo mecânico — a impressão de nuances de luz sobre a placa sensibilizada quimicamente como recipiente da estampa que

atravessou a lente da máquina de retratos — tinha o condão de criar, em definitivo, algo aberto à interpretação futura. As formas e tonalidades na fotografia eram como a plástica gerada por artistas como os mestres dos metais do reino.

Pg. 186

Era um encontro familiar. Naquele dia, bodas de ouro de um casal de tios, reuniram-se muitos dos antigos — parentes que sequer conhecia, e eram uns, anciões que ultrapassaram os oitenta anos; outros, um tanto mais novos, mas assim mesmo velhos na sua avaliação de jovem. Portanto, de qualquer forma, todos mais próximos de um perdido africano, supostamente nobre. Numa roda de velhos, ouviu a história segundo a qual o Príncipe recebia, numa agência local de um banco da Inglaterra, uma pensão, e que essa pensão lhe foi paga em libras esterlinas, até o fim de sua vida.

Eram na maioria das vezes recusadas por Joaquim por imprestáveis ou por tê-las em excesso, como alguns tipos de pimenta que quase todos plantavam e que entulhavam seu estoque. Sobrava também em oferta azeite-de-dendê que era extraído artesanalmente por inúmeros pequenos chacareiros e tantos outros produtores. Tudo se constituía em mercadoria sem interesse comercial para Joaquim, que não teria compradores.